

0329

REY CLI 0600
SIST. 59152

Grafia original

03a0307-33

- 1- Reynaldo Moura
- 2- A hora do livro (Especial para o "Correio do Povo")
- 3- Correio do Povo
- 4- Porto Alegre
- 5- A hora do livro
- 6- Quarta -feira , 19 de julho de 1933
- 7- Ano XXXIX número 167
- 8- Editoriaes - Collaborações página 3
- 9- Bom
- 10- Roberta Martins
- 11- 28 / 06 / 95

A HORA DO LIVRO
(ESPECIAL PARA O CORREIO DO POVO)

A inquietação deste instante tem um sentido cultural que não foge á attencção dos menos observadores. Nunca, como nesta hora de delirio dynamico na alma de todos os povos da civilisação occidental e amarella, a curiosidade scientifica e literaria da humanidade accendeu maiores fogueiras intellectuaes entre escriptores e leitores. Até os espiritos cuja projecção não vae alem da lição estatistica dos numeros, no mundo infatigavel dos valores economicos, sentem esse sentido da vida nova, pela representação dos volumes em equação permanente no commercio das mercadorias subordinadas á producção do livro.

O Brasil, não poderia isolar-se nesse élan do mundo mental para o conhecimento. O brasileiro é o typo do batuta nos enthusiasmos creadores de seu espirito. E por ser uma creatura prá lá de intelligente, foi que se deixou enfeitiçar pela claridade eterna do genio francez, o equilibrador da nossa exaltação tropical. Pena é que vivamos enparedados dentro do melancholico mosteiro de uma lingua semelhante áquella em uso entre os luziadas illustres! Mas isto não vem ao caso.

Ahi estão as casas editoras do Rio, São Paulo e Porto Alegre, cuja incessante actividade é um indício da admirável inquietação do nosso espirito em torno do livro.

Depois que o charuto obscuro do velho Freud queimou o pano inútil dos bastidores, emprestando uma attitude de alegria victoriosa ao nudismo espiritual da humanidade: depois que Einstein declarou o cosmos mal collocado no systema de Newton, como qualquer pronome, e fez o universo girar dentro de uma azulada bolha de ether, como um artificio novelesco; depois que a lição divina de Keyserling deu ao homem e á vida um novo sentido espiritual; em resumo: depois da guerra, que foi um romper de comportas, nesta phase de maravilhosa renascença em que o homem permanece em extase deante de seu proprio drama, o mundo da actividade intellectual perdeu os seus limites, a nossa curiosidade adquiriu uma audacia nunca vista, a arte tornou-se uma necessidade, a sciencia a perpetua sensação de uma surpresa. E vieram as coragens literarias do novo realismo. A psychanalyse diaria de uma humanidade radiante, que abandonava as estufas das casas de saude, onde vivera presa aos canones de uma moral de artificio, como que suspensa no seu terror, entre o céu e a terra.

Mas não avancemos nesse sentido, Os escriptores e os editores brasileiros soffreram tambem o impulso dessa rajada necessaria entre os clarões da tormenta. Neste instante mesmo, cogita-se de realizar no Rio um certame de ideias, entre todos os interessados directamente na producção do livro nacional. A conferencia dos editores e autores trará certamente grandes beneficios, não só a esses trabalhadores da maravilhosa industria, mas principalmente á cultura nacional. E porque? Porque é pensamento dos interessados dirigirem ao Governo

Provisorio um appello no sentido de serem melhoradas as condições alfandegarias para a entrada do papel estrangeiro destinado aos nossos livros.

Como vê o leitor, tem grande alcance economico q conferencia do livro. E mais uma vez vão ser postos em fóco os males de um proteccionismo exagerado ou talvez mal applicado. Porque o drama do papel, entre nós, chega a assumir attitudes de folhetim romance! Para proteger a industria nacional do papel, os governos anteriores elevaram as tarifas que incidiam sobre o artigo, e os direitos aduaneiros, de simples barreiras fiscaes, passaram a representar para o papel estrangeiro um taxa exagerada. Essa taxa recáe sobre os editores, e vem repercutir nos bolsos dos brasileiros cuja necessidade de comprar livros vae dia a dia augmentando. Não são certamente os exportadores da Scandinavia que pagam essa differença. Somos nós. É por isso que o nosso livro é caro, e carrissima se torna a cultura popular do Brasil!

Ora, direis, comprar papel de fóra, quando nós temos fabricas aqui... é abrir a porta para a evasão do nosso ouro, justamente no instante em que o governo procura sanear o mercado cambial. Mas esse ouro sahe da mesma fórmula, dissemos nós, porque as fabricas de papel que possuimos ainda representam um industria ficticia, pois importam toda a cellulose necessaria ao seu fabrico! E como é natural que aconteça em um Estado proteccionista, o preço de nosso papel não é dos menores, embora em qualidade apenas se approxime do estrangeiro.

Que succederia si, em vez de adquirir o papel nacional ao preço de 1\$700 por kilo, os nossos editores de livros gozassem dos mesmos beneficios que usufruem as empresas jornalisticas para a importação de papel? Sem duvida os

editores nacionaes passariam a comprar papel estrangeiro a \$700 o kilo, e a differença, convenhamos, não é lá das menores...

Gozando dessas vantagens, os editores brasileiros passariam a empreender maiores trabalhos, lançar-se-iam em obras de mais folego, o que actualmente não é possível em virtude das más condições que acabamos de citar. Uma novella de amor de duzentas e poucas paginas não faz o editor pensar no papel que empregou para a sua impressão.

Mas uma obra volumosa de medicina ou direito, obriga a um calculo mais sério, e commumente acaba por congelar mesmo o espirito do mais aventureiro dos nossos editores. Um dictionario, então, nem é bom falar...

Dirão os economistas unilateraes que a entrada livre do papel estrangeiro viria matar uma iniciativa industrial, e privar o estado de uma fonte de receita consideravel. Mas a *diffusão do livro barato no Brasil vale bem esse sacrificio*. A cultura espiritual, mesmo nesta época de apparente utilitarismo, não se troca por algumas vantagens transitoriais. Enriquece meia duzia á sombra de um proteccionismo que gera verdadeiros monopolios, enquanto a intelligencia nacional soffre a mais melancholica das fomes!

Estas reflexões nasceram da visita diaria que faço ao permanente certame de livros da Globo-Editora. Os srs. Barcellos, Bertaso e Cia. acabam de lançar no mercado nacional a primeira serie de romances da "Colleção Globo", a 3\$500 o volume encadernado. É um esforço notavel desses industriaes do livro para o barateamento do mesmo. E isto apezar de todos os precalços que acabamos de ennumerar. Imagine-se o que seria possível fazer nesse sentido util si

outras fossem as tarifas que protegem a insufficiente industria nacional! Como na maioria dos paizes europeus, teriamos o livro por uma bagatela. E diffundindo a boa leitura por todos os recentos do paiz, os nossos editores, que nas condições actuaes nem sempre se aventuram ao financiamento das edições mais necessarias, poderiam collaborar com maior efficacia na campanha deste instante pela nossa intensificação cultural.

A hora que estamos vivendo é a hora do livro. Possam os bons governos comprehender o alcance de todas as medidas em pról desse milagroso instrumento do espirito, que realisa a grandeza das nações pela expansão das mais nobres forças humanas.

Reynaldo Moura.
